

J. R. Ward

POSSESSÃO

Tradução
Filipa Aguiar

*Quinta Essência**

1



— *O* *kay*... Onde estou? Onde estou... Onde... Cait Douglass encostou-se ao volante do seu pequeno SUV *Lexus*, como se isso aumentasse a possibilidade de encontrar o cabeleireiro.

Repartindo o olhar entre a estrada e as montras das lojas chiques à esquerda, ela abanou a cabeça.

– A verdadeira pergunta é: que diabo estou eu a fazer...?

Ao avançar por uma miríade de estabelecimentos de luxo, sentiu-se deslocada. Roupa de cama francesa. Sapatos italianos. Material de papelaria inglês. Era evidente que aquela parte de Caldwell, Nova Iorque, não era apenas cosmopolita, mas também reservada a petulantes com dinheiro.

Hum.

Talvez valesse a pena dar um dia uma olhadela, somente para ver como vive a outra metade; porém, não ia ser naquele momento. Estava atrasada e eram sete e meia da noite, logo tudo se encontrava fechado. Fazia sentido. Os ricos estavam provavelmente a sentar-se nas suas salas de jantar cheias de cristais fazendo o que Bruce Wayne fazia quando estava fora do fato do Batman.

Além disso, o ambiente deixava-a nervosa. Sim, lição aprendida. Da próxima vez que quisesse ir ao cabeleireiro não pediria

uma sugestão à prima, a que era casada com um cirurgião plástico...

Cait carregou no travão.

– Boa!

Fez uma inversão de marcha ilegal, estacionou em segunda fila junto a um parquímetro que não exigiria moedas e saiu.

– *Brrr*. – Com um arrepio, apertou as lapelas do casaco. Fim de abril no norte do estado significava que ainda podia estar frio suficiente para parecer fevereiro em sítios mais razoáveis e, como de costume, o inverno estava a prolongar-se – como um hóspede que não tem outro sítio onde estar.

– Tenho de ir viver para outro lado. Georgia... Florida. – Talvez mudar de cidade pudesse ser o ponto alto do seu ano de recuperação. – Taiti.

O cabeleireiro ainda aberto destacava-se no quarteirão, o seu interior iluminado e claro como o dia, e, contudo, parecia não haver ninguém lá dentro. Ao entrar pela porta de vidro, o ar era docemente perfumado com um travo subjacente a produtos químicos e a música discordante era demasiado sofisticada para ela.

Ena, que catita. Tudo era mármore preto e branco, com um dezena de cadeiras e espelhos imaculados, as bacias com as suas cadeiras reclináveis. Nas paredes havia fotos emolduradas de modelos na pose Blue Steel de Derek Zoolander e o chão brilhava.

Enquanto se dirigia à receção, os seus sapatos confortáveis chiaram como se todo aquele mármore não os aprovasse.

– Está aqui alguém?

Esfregou o nariz, pois continuava com cócegas, e pensou: «Pelo amor de Deus, precisas de espirrar ou acalmar-te.»

Muitos espelhos – o que a deixava realmente desconfortável. Nunca fora muito de olhar para si, não porque fosse feia, mas porque de onde vinha esse tipo de coisa não era vista com bons olhos.

Felizmente, os pais viviam na costa oeste quando não estavam a viajar. Não havia razão para que soubessem que ela pusera os pés num sítio daqueles.

– Está alguém? – Avançou mais para o interior, verificando a ilha no meio que era, obviamente, onde misturavam as cores. Tantos tubos de vários tons de loiro, moreno, ruivo... E alguns de outro espectro. Cabelo azul? Cor-de-rosa?

Talvez ela devesse fazer rebentar aquilo...

O homem que saiu da parte de trás era magro como uma sombra, as calças de ganga pretas justas claramente a ajudarem as pernas palito a mantê-lo na posição vertical.

– A *senhorra* é Cait Douglass? – perguntou ele com um sotaque que ela não conseguiu identificar e mal conseguiu perceber.

– Ah, sim, sou.

O seu olhar escuro semicerrou-se ao focar o cabelo dela, lembrando um médico a olhar para um doente com reumático, e, embora não parecesse um assassino em série, algo nele a fez querer dar meia volta e correr para a porta. Estava mortinha por sair dali e daquela vez isso nada tinha a ver com o sistema de valores fundamentalistas da família.

– A minha *cadeirra* é esta – anunciou ele.

Pelo menos... foi o que achou que ele disse – certo, sim, ele estava a apontar para uma delas.

«Agora ou nunca», pensou Cait, olhando em volta e esperando reunir um pouco de coragem para alguma coisa, qualquer coisa. Mas não havia ali mais ninguém e aquela música eletrónica fazia o seu cérebro girar. Pior, em vez de ficar inspirada por aquelas fotografias, só conseguia pensar que as pessoas realmente não precisavam de levar tão a sério o que crescia da cabeça.

Espera, isso era a sua mãe a falar.

– Sim, obrigada – disse ela com um aceno de cabeça.

Seguindo-o, sentou-se numa cadeira de couro extremamente confortável e a seguir foi girada para ficar de frente para o vidro. Ao baixar os olhos para o regaço, deu um salto quando

ele enterrou as mãos surpreendentemente fortes no seu cabelo.

– Então no que estás a *pensarr*? – perguntou ele.

Isso é má ideia, era que ela estava a *pensarr*.

Cait forçou-se a concentrar no seu reflexo. O mesmo cabelo castanho-escuro. Os mesmos olhos azuis. As mesmas feições miúdas. Mas agora havia maquilhagem na sua pele pálida, algo que ela só recentemente aprendera a aplicar sem sentir que estava a entrar em território Kardashian. O corpo também estava diferente. Oito meses de treino intenso no ginásio tinham-na estreitado de uma forma que a balança não reconhecia necessariamente, mas a sua roupa sim. E a mala no seu colo era vermelho viva, o tipo de coisa que nunca teria usado um ano antes.

Naturalmente, tudo o resto era cinzento e preto, coisas que estavam no seu armário antes daquele ano de mudança. Mas os apontamentos de cor faziam-na sentir... bem, não como costumava sentir-se.

– Então...? – perguntou o *hair stylist*, ao dar a volta e encostar-se ao espelho.

Com os braços cruzados e o queixo baixo, ele lembrava-lhe alguém, mas não se recordou quem.

Cait tocou no cabelo como ele fizera, esperando que isso fizesse germinar uma ideia na sua na cabeça.

– Não sei. O que acha?

Quando ele franziu os lábios, ela percebeu que ele tinha aplicado *gloss*.

– *Loirro*.

– *Loiro*?

Quando ele assentiu, Cait ficou assustada. Acessórios vermelhos eram uma coisa. Lady Gaga era outra. Estava preparada para mergulhar o dedo do pé nas águas do salão de beleza. Não para se afogar.

– Não tinha pensado numa coisa tão extrema.

Ele estendeu a mão e passou de novo os dedos pelo cabelo dela.

– Não, definitivamente *loirro*, e com umas madeixas mais *escurras*.

– Nem sabia que isso se fazia.

– Confie em mim.

Cait fitou-se no espelho e por algum motivo pensou no armário, onde tudo estava organizado por tipo de peça de roupa – e teria também agrupado a roupa por cores, mas havia poucas tonalidade da mesma cor.

Imaginar-se com uma peruca loira fê-la querer fugir de novo. Mas estava farta do castanho-rato.

«Agora está na altura de viver», pensou. «Nunca mais serei tão jovem. Nunca mais serei melhor.» Não havia garantia de que o amanhã viria para ela.

– Loiro, hein – sussurrou.

– *Loirro* – disse o estilista. – E também fazemos madeixas. A sala para *mudarr* de roupa é ali.

Cait olhou por cima do ombro e viu um pequeno corredor com quatro portas. Calculou que a escolha fosse aleatória. Mas nem todas as decisões vinham sem consequências.

– Está bem – ouviu-se concordar.

Levantou-se e lá foi com os sapatos a chiar pelo chão polido sentindo-se a caminhar sobre a água, mas não como Jesus. Aquilo não era um milagre; ela era uma mortal, a sentir-se instável num chão de resto estável.

Mas não ia desistir. A recente tragédia que atingira a comunidade de muitas formas acordara-a a um nível ainda mais profundo e ela não ia perder tempo com uma parvoíce como falta de coragem. Estava viva e isso era uma dádiva.

Após um momento de hesitação, entrou na primeira porta à direita.

* * *

Duke Phillips avançava pelo passeio e as pessoas saíam da sua frente, embora estivessem numa parte violenta de Caldwell depois de escurecer. Provavelmente, tinha algo a ver com o seu tamanho: ele era grande e musculoso. Talvez também com o seu temperamento: numa violação do código das ruas, ele olhava os outros estúpidos diretamente nos olhos, pronto para qualquer coisa.

Raios, até à procura de alguma coisa.

O olhar de rotina era um favor raramente retribuído. A maioria dos homens, quer fossem membros de gangues, traficantes ou foliões a dirigirem-se para os clubes, seguia as regras, os seus olhos desviavam-se dele e permaneciam afastados.

O que era uma pena. Ele gostava de lutas.

Quanto às mulheres? Não lhes prestava atenção, embora não porque quisesse defender-se das inevitáveis prostitutas nem porque elas eram uma ameaça para ele.

Deus sabia que as mulheres não conseguiam tocar-lhe a qualquer nível, exceto o físico, e não estava interessado em sexo de momento.

Aquilo que ele procurava era uma porta roxa. Uma feia porta estupidamente pintada de roxo com a marca de uma mão gigante. E encontrou-a cerca de cinquenta metros mais à frente, do lado direito. Ao agarrar no batente preto, quis arrancar a maldita coisa e o néon vermelho com a palavra *Médium* fê-lo praguejar.

A tantos níveis, não podia acreditar que fora ali. De novo. Não podia...

Uma repentina vibração no seu peito fê-lo perguntar-se se entrara em fibrilação auricular por aborrecimento, mas era apenas o seu telefone a vibrar. Pegou na coisa e reconheceu o número.

– Precisas de mim? – perguntou, porque detestava perder tempo com tretas como «Olá, como está, o tempo tem estado bom/mau/chuvoso/com neve nos últimos tempos».

A voz de Alex Hess era grave para uma mulher, as suas palavras tão diretas como as de um homem.

– Sim, podes fazer-me mais um turno esta noite?

A sua chefe era, provavelmente, a única mulher que ele respeitava – por outro lado, era difícil não levar a sério alguém que partira a tibia de um homem adulto à frente dele. Como chefe de segurança do Iron Mask, ela não gostava de traficantes no seu território, especialmente aqueles com amnésia de curto prazo que ela já advertira para não venderem no seu clube. Tinha-se apenas uma oportunidade com Alex. Depois disso? Tinha-se sorte se os danos fossem meramente estéticos e/ou relacionados com ossos.

Olhou para o velho relógio.

– Posso estar aí dentro de quarenta e cinco minutos, mas preciso de estar noutra sítio às dez da noite; no entanto, isso só me vai levar meia hora.

– Ótimo, obrigado.

– De nada. – Duke desligou e enfrentou a porta roxa novamente.

Impelido por uma força que durante muito tempo detestara e nunca compreendera, abriu a coisa, os velhos painéis de madeira a fazerem ricochete na parede. Quando entrou, olhou para as escadas que subiam cinco andares. Há quanto tempo ia ali?

Que treta.

E, no entanto, as suas botas pesadas fizeram-no subir dois degraus de cada vez, os músculos das coxas a agarrarem-se aos ossos das pernas, a mão firme a segurar o corrimão de ferro como se fosse uma garganta, o corpo tenso e pronto para lutar.

Quando chegou ao cimo, na placa da porta lia-se, POR FAVOR, SENTE-SE E ESPERE PARA SER RECEBIDO. Como se fosse um consultório psiquiátrico ou algo do género.

Não seguiu as indicações, mas andou para trás e para a frente no corredor apertado. As duas cadeiras disponíveis não

combinavam e estavam pintadas de cores psicadélicas. O ar cheirava ao incenso que era queimado lá dentro. E sob as suas botas, um tapete tibetano puído, mas não porque fora barato.

Detestava esperar num dia bom. Desprezava-o naquele contexto – francamente, não sabia por que diabo voltava sempre. Era como se uma corrente de aço invisível estivesse presa em torno do seu peito e o puxasse para ali. Deus sabia que ele achava aquilo um desperdício de tempo, mas continuava a vir...

– Tenho estado à tua espera – disse uma voz feminina do outro lado da porta fechada.

Ela fazia sempre aquilo. A mulher sabia sempre quando ele aparecia e não tinha câmaras de vigilância no teto.

Por outro lado, os seus passos também não eram silenciosos. Não o seu praguejar.

A maçaneta da porta era de bronze e velha, polida pelas inúmeras mãos que a tinham rodado ao longo do tempo. Vendo-a girar, uma estranha sensação de irrealidade penetrou no seu corpo e reivindicou a sua mente. Quando a mulher de túnica drapeada se revelou, foi ele quem olhou para baixo e evitou o confronto.

– Anda – disse ela em voz baixa.

Raios, ele detestava aquilo, realmente detestava.

Quando entrou, um relógio começou a bater... Oito vezes. Aos seus ouvidos, soou como um grito.

– Precisas de ser purificado. A tua aura está negra.

Duke enfiou as mãos nos bolsos das calças de ganga e flexionou os ombros.

– Isso é diferente do costume?

– Não.

Exato. Merda, tanto quando sabia, ela piorava as coisas em vez de as melhorar, amaldiçoando-o em vez de curá-lo.

– Senta-te, senta-te...

Ele olhou para a mesa redonda com a bola de cristal no centro, para as cartas de tarô e para as velas brancas. Havia

tapeçarias penduradas da mesa para o chão, acumulando-se num redemoinho de todas as cores imagináveis. Havia duas cadeiras, uma suficientemente grande para ser considerada um trono, a outra mais prosaica, o tipo de coisa que se podia encontrar numa loja de mobiliário de escritório.

Ele só queria sair dali.

Mas em vez disso sentou-se.

